

CORREIO NO MUNDO

Reuters/ Folhapress



Mega-ataque russo a Kiev deixou ao menos 4 mortos

Rússia usa supermíssil em ataque contra a Ucrânia

A Rússia promoveu um dos maiores ataques aéreos contra a Ucrânia nos mais de quatro anos de guerra contra o vizinho na madrugada deste domingo (24), empregando pela primeira vez o supermíssil Orechnik contra um alvo próximo de Kiev.

Ao menos 4 pessoas morreram e outras 80 ficaram feridas na ação, descrita pelo Ministério da Defesa russo como uma retaliação pelo bombardeio que matou 21 jovens em um dormitório estudantil na região ocupada de Lugansk, no leste ucraniano, na sexta (22).

“Foi uma noite terrível em Kiev”, disse o prefeito da capital ucraniana, Vitali Klitschko, no Telegram. A cidade foi o foco da ação russa, que envolveu 90 mísseis e 600 drones.

Modelo Orechnik foi utilizado

O escopo do ataque, em termos de equipamento, foi inédito. Houve o lançamento de ao menos um Orechnik, míssil balístico de alcance intermediário disparado apenas em outras duas ocasiões no conflito, em novembro de 2024 e em janeiro deste ano. O supermíssil foi desenhado para conflitos nucleares: ele pode levar múltiplas ogivas, que fazem sua reentrada na atmosfera em velocidades hipersônicas indefensáveis, na prática.

Reuters/Folhapress



Putin escalonou tensão no continente europeu

Míssil desenhado para guerra atômica

No caso dos ataques contra a Ucrânia, foram usadas ogivas sem explosivos, que causam destruição apenas por sua força cinética. Neste domingo, o alvo foi Bila Tserkva, 64 km a sul de Kiev, mas houve relatos não confirmados de um segundo ataque contra a capital. O uso do Orechnik, cujo nome significa a árvore aveleira em russo, é também uma sinalização para a Europa, que está tentando mediar uma solução diplomática para a guerra que favoreça o governo de Volodimir Zelenski. Na semana passada, a Rússia fez o maior exercício nuclear desde a Guerra Fria.

Exercícios na semana passada

O exercício trouxe a Rússia disparando mísseis estratégicos, que visam ampla destruição, e táticos, mais restritos ao campo de batalha —estes foram lançados em conjunto com a aliada Belarus, que faz fronteira com membros da aliança ocidental Otan. A ideia era demonstrar força aos europeus, ao americano Donald Trump e até ao aliado Xi Jinping, líder chinês visitado por Vladimir Putin no mesmo período.

Padrão de ameaça

O Orechnik se encaixa no padrão de ameaça, pois pode atingir qualquer capital europeia em questão de minutos com suas múltiplas ogivas. Os europeus passaram recibo: o premiê alemão, Friedrich Merz, e o presidente francês, Emmanuel Macron, criticaram a ação e a chamaram de escalada.

Kaja Kallas

Para a chefe da diplomacia do bloco continental, a estoniana Kaja Kallas, o uso do míssil “é uma tática política de intimidação e demonstração de imprudência nuclear”. Segundo a Defesa russa, foi usado também quase todo o arsenal operacional de armas hipersônicas de Putin: o míssil ar-terra Kinjal (punhal, em russo).

Leste Europeu

Além do Tsirkon (zircão), disparado de baterias costeiras Bastion que foram posicionadas em terra no sul russo. Também foram empregados mísseis balísticos Iskander-M, os mesmos testados nos jogos de guerra nuclear. Com alcance de 500 km, o modelo está posicionado em Belarus, mirando todo o Leste Europeu até Berlim.

Putin pressionado

Apesar de recursos oriundos do relaxamento das sanções ocidentais contra a venda de petróleo russo devido à crise no Oriente Médio disparada pela guerra de Trump contra o Irã, Putin está pressionado na Ucrânia. Sem avanço decisivo, algo que vinha sendo vendido por seus generais, suas forças têm sofrido derrotas na linha de frente —que segue congelada.

Fazer a paz

Na última semana, houve até um raro momento de consenso crítico na Rússia, quando um proeminente especialista geopolítico alinhado ao Kremlin, Vitali Kachin, publicou um novo artigo na revista “Rússia nos Assuntos Globais” dizendo que Vladimir Putin deveria fazer a paz imediatamente.

Fim definitivo

Segundo Kachin, não há condições para nenhum dos lados ganhar a guerra de forma definitiva, e assim o melhor negócio para o Kremlin seria contentar-se com os 20% que já conquistou da Ucrânia e forçar a neutralidade militar do vizinho num acordo.

Por Igor Gielow (Folhapress)



‘Tempo está do nosso lado’ afirmou o presidente americano

Trump pede calma nas negociações com o Irã

Trump pediu que negociadores de acordo não se precipitem

Guilherme Botacini (Folhapress)

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou neste domingo (24) que o bloqueio americano no estreito de Hormuz continuaria em vigor enquanto um acordo com o Irã não fosse “alcançado, certificado e assinado”.

“As negociações estão procedendo de forma ordenada e construtiva, e informei meus representantes que não se precipitassem porque o tempo está do nosso lado. O bloqueio continuará em força e efeito total até que um acordo seja alcançado, certificado e assinado”, escreveu Trump em publicação na rede Truth Social.

“Os dois lados têm que tomar seu tempo para fazer o acordo direito. Não pode haver erros! Nossa relação com o Irã está se tornando muito mais profissional e produtiva”, disse ainda o republicano.

As declarações do presidente americano parecem contradizer o que ele próprio havia dito neste sábado (23), quando afirmou que as negociações estavam em seus detalhes finais e que um entendimento poderia ser alcançado ainda neste final de semana, inclusive com a reabertura de Hormuz.

Do lado iraniano, não parece haver grandes concessões. Mais cedo, o presidente persa, Masoud Pezeshkian, afirmou que o Irã estava pronto para reassegurar o mundo de que não busca armas nucleares, até aí algo já defendido pelo país antes do conflito, a despeito

de seu programa de enriquecimento de urânio ir além do necessário para usos civis.

Pezeshkian disse também, por outro lado, que os negociadores iranianos não iriam abrir mão da honra e da dignidade do país, indicando poucas concessões nessa, já que Teerã considera seu programa nuclear um direito inalienável.

Em seguida, o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, afirmou que ele e Trump concordaram que qualquer acordo para o fim do conflito precisa passar pelo desmantelamento do programa nuclear iraniano. O presidente americano, em sua publicação, voltou a criticar o acordo anterior existentes com Teerã, negociado pelo ex-presidente Barack Obama e do qual Trump retirou os EUA durante seu primeiro mandato.

“A ideia de que esse presidente [Trump], dado tudo que ele já provou que está disposto a fazer, vai de algum jeito concordar com um acordo que termine colocando o Irã em uma posição mais forte quando se trata de suas ambições nucleares é absurda. Isso simplesmente não vai acontecer”, afirmou o secretário de Estado americano, Marco Rubio.

Apesar da declaração de Trump deste sábado de que o acordo em negociação prevê a reabertura de Hormuz, o Irã discorda. Mohsen Rezaei, um assessor do líder supremo Mojtaba Khamenei, afirmou neste domingo que a gestão do estreito era um “direito legal” do país.